

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasileiro Class.: Kaiapó
 Data: 10/07/94 Pg.: 9

Contaminação de índios levará ao genocídio

Antonio Marcelo

Centenas de índios da nação Kaiapó estão irremediavelmente contaminados pelo mercúrio despejado no rio Fresco, no sul do Pará, pelos garimpeiros de ouro.

A denúncia foi encaminhada pela Fundação Mata Virgem ao Procurador-geral da República, Aristides Junqueira, como resultado do "Projeto Mercúrio", coordenado pelo geneticista Aguiardo Gonçalves.

Na denúncia encaminhada a Aristides Junqueira, a Fundação pede que a União e as mineradoras que agem na região sejam acionadas judicialmente para indenizar os índios atingidos.

O "Projeto Mercúrio" consistiu em uma extensa e aprofundada pesquisa realizada por professores da UnB, Universidade de Campinas e Universidade Estadual Paulista.

Foram pesquisadas duas aldeias dos kaiapó, às margens do rio Fresco: as aldeias onde moram os gorotire e a dos djudjetikire.

Os resultados deixaram os próprios professores participantes da pesquisa estupefatos. Segundo eles, o grau de contaminação che-

gou a tal ponto que pode levar ao genocídio.

O mercúrio age no ser humano como um veneno insidioso. Ele se deposita nos órgãos vitais, como rins e fígado, se espalha pelo sangue e atinge o cerebelo.

O resultado vai desde a perda da visão e problemas renais até a chamada "doença de Minamata" (veja box), quando a pessoa perde o controle motor e nervoso.

Pesquisa — Na pesquisa realizada, foi constatado que a contaminação inorgânica atinge mais os garimpeiros e a orgânica mais os índios.

"Quando fazem a queima do mercúrio para achar ouro, os garimpeiros absorvem seus vapores e se contaminam", explica Iris Ferrari.

No caso dos índios é diferente, acrescenta. "O peixe é a base de sua alimentação e a contaminação é pior e mais inevitável".

A pesquisa analisou amostras de sangue, urina e cabelo de 345 pessoas, sendo 130 garimpeiros e 215 índios, 165 na aldeia dos gorotire e 50 na dos djudjetikire.

As amostras de cabelo de todos os índios e de 83,1% dos garimpeiros mostraram contaminação

por mercúrio orgânico.

No caso do sangue, 52,58% dos gorotire, 87,88% dos djudjetikire e 57,69% dos garimpeiros estavam contaminados por mercúrio inorgânico.

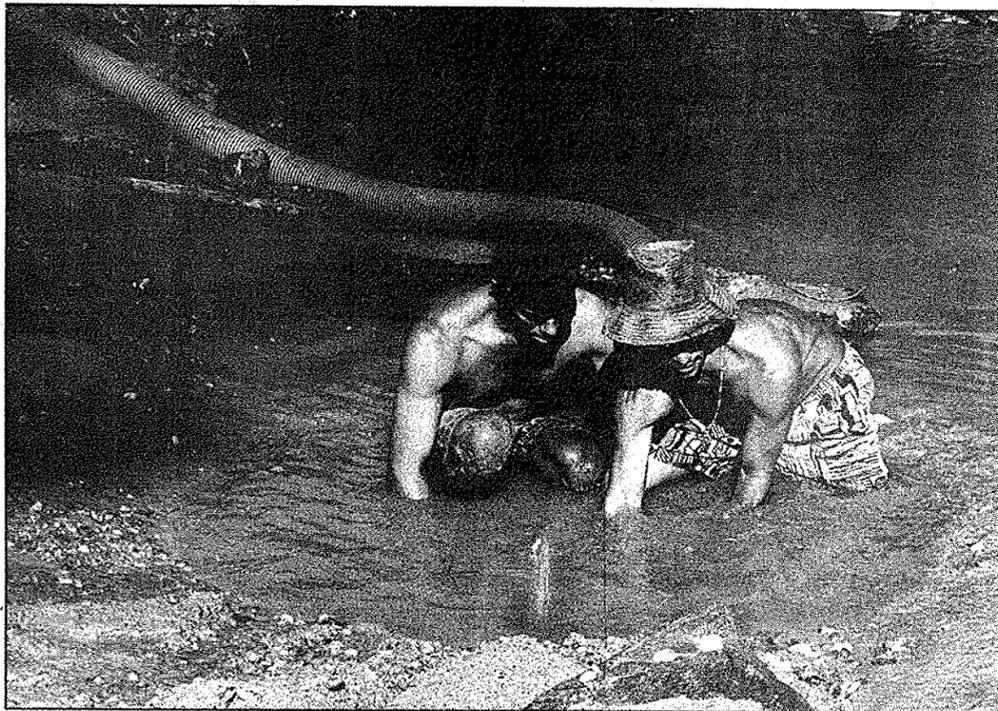
E em relação às amostras de urina, 53,69% dos gorotire, 58,14% dos djudjetikire e 80% dos garimpeiros também mostraram contaminação por mercúrio inorgânico.

De acordo com a doutora Iris, o resultado das análises da amostra de cabelos é o mais aterrador.

Segundo ela, as amostras de sangue e urina indicam o grau de contaminação por mercúrio inorgânico no momento em que foram retiradas.

"O cabelo é diferente: mostra que o mercúrio orgânico já foi totalmente absorvido pelo corpo humano e pode estar iniciando sua fase de destruição", acrescentou.

Limpeza — Na análise dos resultados de material de mulheres grávidas, foi comprovado que a taxa de mercúrio caiu depois do parto. Mas, em compensação as crianças já nasceram com um alto grau de contaminação.



A garimpagem feita de forma indiscriminada destrói o leito dos rios e contamina suas águas com mercúrio

ÍNDICES DE CONTAMINAÇÃO MAIS ELEVADOS ENCONTRADOS NA REGIÃO

TIPO DE HABITANTE	ÍNDICE DE CONTAMINAÇÃO		
	SANGUE (Índice elevado: 10 ppb *)	URINA (Índice elevado: 50 ppb *)	CABELO (Índice elevado: 25 ppm *)
GOROTIRE			
de 5 a 14 anos	não coletado	52,0 ppb	15,1 ppm
de 15 a 24 anos	97,6 ppb	110,5 ppb	13,8 ppm
de 25 a 34 anos	62,1 ppb	54,8 ppb	20,7 ppm
de 35 a 44 anos	45,5 ppb	58,4 ppb	17,6 ppm
maiores de 45 anos	74,0 ppb	56,4 ppb	18,9 ppm
grávidas	53,3 ppb	66,7 ppb	13,1 ppm
mães recentes	51,8 ppb	24,9 ppb	14,7 ppm
DJUDJETIKIRE			
de 5 a 14 anos	não coletado	14,4 ppb	17,9 ppm
de 15 a 24 anos	77,3 ppb	19,0 ppb	18,6 ppm
de 25 a 34 anos	131,3 ppb	20,4 ppb	19,7 ppm
de 35 a 44 anos	119,0 ppb	41,1 ppb	15,1 ppm
maiores de 45 anos	183,3 ppb	47,3 ppb	37,4 ppm
grávidas	não coletado	16,8 ppb	não coletado
mães recentes	67,2 ppb	14,7 ppb	12,7 ppm
GARIMPEIROS	291,5 ppb	247,1 ppb	18,8 ppm

* ppb: partes por bilhão
ppm: partes por milhão

Fonte: Projeto Mercúrio (Fundação Mata Virgem)

Mercúrio acaba Lei proíbe garimpo na área com rio Fresco

O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Dinarte Madeiro está indignado. "A contaminação na região do rio Fresco é gravíssima", acusa.

Madeiro visitou recentemente a área e afirma que o rio foi destruído pela ação dos garimpeiros e pela contaminação com o mercúrio.

"Vi crianças que estão perdendo a visão, o cabelo, no meio de uma situação deprimente".

Madeiro foi às duas aldeias kaiapó, às margens do rio Fresco. Numa vivem os gorotire e na outra os djudjetikire, cercados pela ação de garimpeiros.

Sua tarefa foi convencer os índios a permitir a retirada dos garimpeiros da região, atendendo à ordem do juiz federal da 3ª Vara, Sebastião Fagundes de Deus.

Em 28 de janeiro deste ano, o juiz determinou a imediata suspensão do garimpo nessa área, a remoção das empresas da mineração e a expulsão dos garimpeiros.

Em seu despacho, Sebastião de Deus ordenou que a Funai usasse de todos os instrumentos legais para isso, devendo, se necessário, pedir a ajuda das Forças Armadas.

Segundo ele, a Fundação foi criada para dar assistência aos índios. "Retirar garimpeiros é tarefa do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM)", afirmou.

A ordem do juiz, no entanto, é para que a Funai aja. "Passei uma semana no rio Fresco convencendo os índios que não queriam que os garimpeiros saíssem de lá", disse Madeiro.

"Foi só eu sair e eles chamaram as lideranças indígenas: olha, vocês vão ficar sem dinheiro, a Funai não vai pagar vocês. E muito do meu trabalho foi perdido", acrescentou.

Madeiro disse que o trabalho não está contando nem com a colaboração da Polícia Federal. Por isso, pediu ao juiz Sebastião de Deus que amplie sua determinação, para envolver outros órgãos.

"A Funai pode dar apoio, mas quem tem que tirar garimpeiro é o DNPM, assim como quem tem que expulsar madeireiro é o Ibama. Além disso, a Polícia Federal tem que ser acionada", afirmou indignado.

"O responsável pelo ponto em que a situação chegou é o próprio governo".

A garimpagem em terras indígenas foi formalmente proibida pela Constituição de 1988. Antes disso, no entanto, já sofria sérias restrições.

Em 1981, os então ministros do Interior, Mário Andreazza, e das Minas e Energia, César Cals, determinaram através de uma portaria que a lavra nessas terras só seria permitida a empresas estatais.

Poucos meses depois dessa portaria, a Funai autorizou a Rio Doce Geologia e Mineração — empresa ligada à Vale do Rio Doce — a buscar minérios na região de São Felix do Xingu, sul do Pará, área pertencente aos kaiapó.

Foi aí que começou a invasão de garimpeiros em terras indígenas.

No início, os índios tentaram rechaçar os invasores. Mas estes tinham um argumento muito pesado: o dinheiro.

Aos poucos, as principais lideranças kaiapó foram sendo ganhas

CARLOS MOURA



Iris foi uma das pesquisadoras

pelos garimpeiros e criou-se uma espécie de simbiose entre duas culturas, o que veio a prejudicar a mais fraca, a dos índios.

A indicação da existência de ouro nessa área não atraiu apenas a empresa estatal. Pequenas mineradoras e garimpeiros isolados aumentaram a invasão.

Minamata, uma tragédia que perdura

O maior desastre ecológico provocado pelo mercúrio neste século ocorreu no Japão, na década de 50, na baía de Minamata e seus resultados são sentidos até hoje.

Durante anos, o despejo de resíduos industriais à base de mercúrio contaminou o mar em torno a Minamata e os peixes, que serviam de base para a alimentação da população.

Milhares de pessoas foram contaminadas. Quarenta anos depois, as autoridades japonesas reconheciam a existência de 2.252 afetados gravemente pela chamada "doença de Minamata".

Perda do controle muscular e nervoso, tremores, infecções renais e diminuição do campo visual até a cegueira são algumas das características desse mal.

A primeira constatação de que havia algo de errado em Minamata foi notada no comportamento dos gatos, que se alimentavam dos peixes da baía.

Os animais mostravam ter perdido todo controle motor, com um andar errático, sem direção que os levava a cair ao mar e morrerem.

Os estudos indicaram um alto grau de contaminação por mercúrio orgânico, que atingiu o organismo de gatos e homens pelo consumo de peixe envenenado.



Insidiosamente, o mercúrio se depositou no cerebelo, destruindo-o.

A doença de Minamata é conhecida como a do "Chapeleiro Louco" personagem de Lewis Carroll.

O Chapeleiro não tem noção de direção, não pára de tremer, não tem controle motor. Acontece que, na Inglaterra vitoriana, onde viveu Carroll, o mercúrio era muito usado na fabricação de chapéus.